

Reed aconselha ao País negociar em abril

GEORGE VIDOR

A pior herança que o atual Governo poderia deixar para o futuro Presidente do Brasil seria uma crise com a comunidade financeira internacional. Por isso, ainda que tenha de lançar mão de uma parte de suas reservas cambiais, o mais prudente para o País seria manter o pagamento dos juros aos credores este ano, pois certamente colherá bons frutos na renegociação da dívida externa prevista para abril de 1990. É esta a mensagem que John Reed, Presidente do Citicorp/Citibank, maior credor estrangeiro privado do Brasil, transmitirá ao Presidente Sarney na audiência marcada para amanhã, em Brasília.

Reed, um banqueiro jovem (50 anos), para os padrões de idade do **grand monde** das finanças, viveu parte da sua infância no Brasil. O pai, americano, trabalhava na filial brasileira da multinacional Armour até 1948, quando mudou-se com toda a família para Buenos Aires, retor-

nando, algum tempo depois, para os Estados Unidos. Tal experiência propiciou a John Reed perfeito domínio do espanhol. Com um pouco de treino, também consegue se expressar muito bem em português. O principal, porém, é que ganhou sensibilidade suficiente para entender o que anda se passando nos países que ficam abaixo do Rio Grande (divisa dos Estados Unidos e México).

Antes de embarcar para um programa de visitas que começou pela Venezuela, seguiu pelo Chile e termina agora no Brasil, Reed esteve em Washington tentando convencer a alta direção do Fundo Monetário Internacional a ser mais flexível com o Governo brasileiro. O Fundo não gosta de falar em flexibilidade, mas o banqueiro sabe que o FMI a tem, e poderia usá-la para um acordo provisório, até a posse do próximo Presidente. Durante esse período, as autoridades brasileiras se comprometeriam a fazer todo o esforço possível para conter a inflação e o FMI manteria o fluxo de re-



John Reed veio como apaziguador

ursos que o País reivindica para normalizar seus compromissos.

Em abril, o Brasil estará em condições de melhor negociar a dívida, porque, até lá, a maioria dos principais devedores já terá passado por entendimentos com os credores. As

primeiras negociações são sempre as mais difíceis, pois nestas os bancos evitam ao máximo fazer concessões, com receio de que o país seguinte da fila de renegociação exija regalias ainda maiores. No caso do Brasil, no entanto, os banqueiros não estarão mais em condições de endurecer.

Com esse posicionamento, o Presidente do Citicorp não está querendo parecer "bonzinho" ou camarada com o Brasil, mas sim realista. O banco que dirige, o maior dos Estados Unidos, tem US\$ 4,6 bilhões em créditos amarrados ao futuro da economia brasileira. Se ela naufragar, com todas as reservas e provisões que possa já ter feito, o Citibank não sairia ileso da crise.

Até, por hipótese, se o Brasil resolvesse recorrer à moratória, o Citibank não apelaria para retaliações, porque teme a reação de outros bancos. Na qualidade de maior credor, tem de zelar pelo estado da saúde financeira do Brasil que, no final das contas, tem sido um excelente cliente.